

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO ■ Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa

Director, editor e proprietário—ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO — Administrador—PEDRO NUNES DE FREITAS

O IV Batalhão da "Brigada do Minho"

na Batalha do Lys, no dia 9 de Abril de 1918, na Flandres

O IV Batalhão da «Brigada do Minho» que tam valente e heróicamente se portou na Batalha do Lys, no dia 9 de Abril de 1918, cujo 17.º aniversário passa daqui a 2 dias, era constituído por oficiais e praças do Regimento de Infantaria n.º 20 que, ao tempo, tinha a sua sede em Guimarães. No dia 8 de Abril, véspera da Batalha, ocupava em primeira linha, o sub-sector de Fanquissart I, com o efectivo de 21 oficiais e 725 praças, que em 9, depois da Batalha, estava reduzido a 2 oficiais e 187 praças, tendo, por conseguinte, sofrido as seguintes perdas em 89: oficiais 19; praças 538.

São estes os números que lhe são atribuídos na «Batalha do Lys» — pág. 222 — o sr. General Gomes da Costa, que dá a seguinte composição à *Brigada do Minho*: efectivos em 8 — oficiais 104; praças 3.150; efectivos em 9 (depois da Batalha) — oficiais 22; praças 1.215; perdas em 89: oficiais 82; praças 1.935. «A Brigada do Minho na Flandres» do sr. Coronel de infantaria, Eugénio Carlos Mardel Ferreira, que comandava a Brigada, interinamente, pág. 109 e 111 — respectivamente, acusa, de facto, a perda de 19 oficiais, assim discriminada: 1 morto, 1 ferido e prisioneiro, 4 feridos e 13 prisioneiros. Quanto às praças nota-se uma diferença, para menos, de 91, visto que dá, como perdas, 447 praças do Batalhão de Infantaria n.º 20, as quais tiveram o seguinte fim: mortos 30, desaparecidos 13, feridos evacuados para o Hospital da Base 26 e prisioneiros 378. As perdas totais, tanto em oficiais, como em praças, de toda a Brigada, são computadas em: oficiais 86; praças 1715. Há, por conseguinte, divergências numéricas que, para o caso proposto, pouco influem, visto que não é nosso propósito fazer a história do Batalhão de Infantaria — o IV da Brigada do Minho — mas, tão somente, prestar rendida e sentida homenagem, na passagem do 17.º aniversário da Batalha do Lys, aos filhos de Guimarães que tam heróica e valentemente se bateram no cumprimento do dever e que, por irrisão do destino, tam esquecidos tem andado e andarão, ainda, por largo tempo, de todos os seus irmãos, vimaranenses como eles. Há três anos que andamos nesta campanha de solidariedade para com os mártires da Pátria; há três anos que andamos a chamar a atenção de todos os vimaranenses, tanto dirigentes, como dirigidos, para o monumento dos seus mortos; há pouco, apelamos para as forças directivas e produtoras, para o comércio, para a indústria, para o professorado, para a academia e, com uma grande esperança, para as senhoras vimaranenses mas, ao que parece, os frutos colhidos, não correspondem, nem se aproximam, ao menos, da energia dispendida em tam simpática como justa causa. O certo é que o monumento que há muito devia estar levantado, encontra-se, apenas, na imaginação da menor parte, para maior desgraça da terra que, tendo obrigações morais tremendas para com os mortos do Batalhão de Infantaria n.º 20, as tem esquecido e despedido. A ideia do monumento — só a ideia — já em tempos anteriores — há anos — germinou no cérebro de alguns vimaranenses, chegando ao ponto da escolha do local; foi, porém, tal o interesse e o entusiasmo, era tal o fervor cívico que, a breve trecho, outro monumento se levantava no mesmo local! E não se tratava dum vimaranense rico ou pobre, aristocrata ou plebeu, sábio ou iletrado — que, nem mesmo assim, teriam o direito de preferência — mas dum estrangeiro! E, Guimarães, por essa tremenda falta de civismo para com os mortos da Grande Guerra, que, ao que parece, ainda não avaliou em toda a sua amplitude, está sofrendo a justa punição nas suas aspirações de toda a ordem e, talvez, nunca mais veja no antigo quartel do seu ex-regimento de infantaria n.º 20, qualquer unidade militar.

Os mortos, os feridos, os desaparecidos e alguns prisioneiros, toda essa legião de bravos do Regimento de Infantaria n.º 20, que se bateu, sofreu e morreu, a essa legião de vítimas que Guimarães, sua mãe, tem esquecido durante 17 anos, levanta, hoje, o «Notícias» o seu monumento de admirativo respeito, pela pena do seu mais humilde colaborador e, também, o mais desinteressado pelos lucros que lhe venham a caber, se vier a levantar-se o outro monumento, esperado, de ano para ano, há 17 anos!

Baixas em oficiais do Batalhão de Infantaria 20 (4.º da Brigada do Minho) na Batalha de 9 de Abril

Mortos: alferes, António da Silva Marinho Pinto.
Feridos: tenente médico, Alberto Baeta da Veiga; capitão, António de Magalhães Cerqueira de Queiroz; alferes, Alfredo Augusto Alves; alferes Joaquim Ferreira da Silva.
Prisioneiros: capitão, Jerónimo Pinto Montenegro Carneiro; tenente, Manuel António Vieira; alferes, José Antunes Prazeres; alferes, José dos Santos Carneiro; alferes, Júlio Cesar de Carvalho; alferes, Francisco da Silva Freire; alferes miliciano, de inf.º 10, Gualtar Monteiro Alves; alferes, António Biscaia de Macedo Cordeiro Rosa; alferes, Aníbal Tarrinho; alferes, Januário Joaquim Lopes de Sousa; alferes, Domingos José Vieira de Andrade; alferes, António Nunes Vitória e alferes miliciano, António Valério de Carvalho.
Prisioneiro e ferido: alferes, Serafim de Jesus Rodrigues.

Recapitulação: 1 morto, 4 feridos, 13 prisioneiros e 1 prisioneiro e ferido; total, 19.

Baixas em praças do mesmo Batalhão, na referida Batalha

Mortos: 1.ª comp.ª, 248, soldado, Luiz Gil da Silva Freire; 631, soldado, Zacarias Correia; 201, soldado, Francisco de Almeida; 444, soldado, António de Andrade; 548, soldado, Rodrigo Gonçalves; 610, 1.º cabo, João da Cunha; 753, soldado, João Luiz; 843, soldado, António de Andrade Bastos; 504, 2.º sargento, Joaquim Machado. 2.ª comp.ª, (1. 32) 53, soldado, Manuel de Rezende; 388, soldado, Francisco de Oliveira Freitas; 549, soldado, Domingos de Freitas; 559, soldado, José Joaquim Pereira; 301, soldado, António Fernandes; 211, soldado, José Joaquim da Silva Ribeiro. 3.ª comp.ª, 360, soldado, João Urbano; 402, soldado, Manuel Joaquim Fernandes Rocha; 470, 1.º cabo, Inácio Mendes da Cunha; 614, soldado, Bernardino Ribeiro; 623, 2.º sargento, Manuel de Sousa Guedes; 642, 1.º cabo, Albano Alves da Silva; 831, soldado, Francisco de Bastos. 4.ª comp.ª, 373, soldado, Domingos de Abreu; 437, soldado, João Moreira; 453, soldado, Joaquim de Sousa; 543, soldado, Bento Rodrigues; 577, soldado, Francisco Ribeiro; 570, soldado, Augusto Bento Pereira; 598, 1.º cabo, José de Freitas e 632, soldado, Joaquim da Cunha.

Desaparecidos — 1.ª comp.ª: 283, soldado, António Gomes da Silva; 399, soldado, Arnaldo de Sousa e 571, soldado, Rodrigo Marinho. 2.ª comp.ª: 506, soldado, António Ferreira. 3.ª comp.ª: 379, 1.º cabo, José Clemente Peixoto e 631, soldado, Bernardino Pereira. 4.ª comp.ª: 295, 2.º sargento, Manuel Francisco Mendes; 403, soldado, José de Oliveira; 430, soldado, Luiz Gomes; 444, soldado, António Correia; 462, soldado, Alfredo Felix; 578, soldado, António Ferreira e 621, soldado, António Saldanha.

Feridos, evacuados para o Hospital de sangue n.º 1

1.ª comp.ª: 590, 1.º cabo, Alvaro Fernandes; 742, soldado, António Alberto; 676, soldado, Avelino Lemos; 171, soldado, José da Silva Freitas; 440, soldado, José Joaquim Teixeira e 213, soldado, Manuel Pereira. 2.ª comp.ª: 376, 2.º sargento, Alberto José Maria; 452, soldado, António Joaquim; 294, soldado, Carlos de Oliveira; 319, soldado, Albano Mendes; 507, soldado, Joaquim de Moura; 451, soldado, José Vicente da Silva; 395, soldado, Francisco Teixeira; 473, soldado, António Ferreira; 454, soldado, Abílio da Cunha; 428, soldado, José Bento; 459, soldado, António Justino e 333, soldado, José da Silva Freitas. 3.ª comp.ª: 165, soldado, Francisco Faria e 678, soldado, Manuel de Freitas. 4.ª comp.ª: 499, sol-

Ferros Curtos

Bilhete ao Jerónimo Sampaio.

Embora tardiamente, Vello Amigo, aqui me tens Para, entusiasticamente E muito sinceramente, Dar-te inúmeros parabéns.

Té que enfim chegou o dia — O 31 desejado — E de infinita alegria: — Homenagem e cortesia Ao Vate ilustre, afamado!

Chegou à Penha o «combóio», la cheio, ia graúdo, Desde o ricaoço ao saloio, Sem rodas e sem canudo E sem um trilho de apoio...

Foi uma Festa imponente! Linda homenagem sentida! Tanto povo! tanta gente! Todos foram de corrida, Ninguém faltou, felizmente!

Fêz-se justiça, Senhor, Ao salúdo Bráulio Caldas, Poeta de estro superior: Seus versos são esmeraldas — Jóias de grande valor!

Deves estar satisfeito Ante a feliz homenagem! Nem um deliseio, um defeito, Só comoção e respeito — Delirante vassalagem!

Termino breve e ligeiro. Não dá p'ra mais o postal. Abraços cá do parceiro, Admirador e leal E ao dispor,

BANDARILHEIRO.

Visado pela Comissão de Censura.

Professora diplomada

Com o curso completo de conservatório de piano, lecciona meninas. Nesta Redacção dão-se as informações.

Esquema semanal

A CRISE ESPANHOLA

A falta de apoio dos ministros de Gil Robles, o governo de Lerroux caiu pela sua pouca coerência no que se refere a indultos. Feitas as consultas da praxe, Alcalá Zamora encarregou Lerroux de constituir novo gabinete, do que desistiu pelas muitas dificuldades encontradas. Ouvimos mais uma vez os magnates da política, foi Martinez Velasco sorteado para formar governo, que também desistiu. Novas entrevistas, novos conciliábulos, e o Chefe de Estado indica D. Alexandre Lerroux para continuar nas suas diligências, certificado de que a política espanhola é um círculo vicioso que medeia entre o partido radical de Lerroux, os agrários de Velasco e C. E. D. A. de Gil Robles. A ver vamos qual o parto... da montanha!

Convencidos estamos que o conservantismo de *nuestros vecinos* não debela a crise por que vem passando a República Espanhola, enquanto os julgadores dos revoltados de Outubro — talvez da mesma força e indole daqueles que julgaram Galan e Hernandez — não se resolverem a ter mais respeito pela vida dos seus concidadãos, que, em tal emergência, «foram excepção» nos desmandos e vilezas, como muito bem disse o General Ochoa.

PACTO DO ORIENTE

Os rígidos e altivos ingleses que há quasi dezoito anos tinham cortado as suas relações com a U. R. S. S., depois de terem ouvido das duras e das boas do sumo senhor alemão, Hitler, deliberaram pôr as barbas de molho e tratar da sua defesa perante uma futura ameaça. Ao inferno russo, onde o caos incendiaria o espirito e as almas (tal a fantasia dantesca dos filhos de Albion) correram e desceram, não receram queimar-se nas suas chamas de fogo e vá de procurar entender-se com quem, afinal, vive a sua vida a seu modo, cria maravilhas de ciência e foi chamada a cooperar com a Sociedade das Nações.

MUDO E SÓ

Hitler, o déspota que incarna em si a guerra e que seduziu o povo alemão com a promessa duma *révolução*, tropeçadas as suas ameaças em ar demoníaco, já sente o peso da responsabilidade a dobrar-lhe a cerviz, já se vê isolado, e manda que um dos seus lugares-tenentes proclame ao mundo o «seu desejo de paz», cha-

Herói Desconhecido

HERÓI DE HERÓIS, Ó ALMA DE GUERREIRO!
UMA VOZ SE ALEVANTA ALÉM NA SERRA.
QUEM ÉS TU?—QUE O DIGA ESSE MOSTEIRO
QUE OS RESTOS DO TEU CORPO AINDA ENCERRA.

QUE O DIGAM AS NAÇÕES, O MUNDO INTEIRO
E A METRALHA DESSA «GRANDE GUERRA»
QUE ROUBOU TEU SUSPIRO DERRAIDEIRO.
QUE O DIGA O CÉU, O MAR E TÓDA A TERRA.

QUE VALIA TEU NOME ESTAR NA HISTÓRIA?
ACASO NÃO NOS CABE A MESMA GLÓRIA
DE UM HERÓI QUE LUTOU COM ALTIVEZ?...

NÃO FICARÁ ESQUECIDA ESSA GRANDE ALMA
POIS BASTA VER-SE ESCRITO NUMA PALMA:
O HERÓI DESCONHECIDO, É PORTUGUÊS.

JOÃO NETO.

dado, João Baptista Gonçalves e 561, soldado, José de Araújo. 5.ª comp.ª: 579, soldado, Firmino Rodrigues e 325, soldado, António Teixeira. Formação — 213, soldado, José da Silva e 917, 2.º sargento, José de Abreu.

Prisioneiros 378, dos quais só 363 regressaram da Alemanha, tendo os restantes 15 falecido no cativeiro.

Recapitulação — 30 mortos, 13 desaparecidos, 26 feridos e 378 prisioneiros; total 447. Total geral das perdas do Batalhão de Infantaria n.º 20, na Batalha de 9 de Abril; **466 homens, sendo 19 oficiais e 447 praças.**

Aqui fica a nossa sincera homenagem prestada aos oficiais e praças do Batalhão de Infantaria n.º 20 — o IV da Brigada do Minho — que tam heróica como valentemente se bateu na Flandres, no sector de *Fanquissart I*, em primeira linha, na Batalha do Lys, no dia 9 de Abril de 1918. Os pobres mártires, esquecidos há dezassete anos, nunca tiveram a mais pequena homenagem; é esta, parece, a única, muito humilde, muito sincera e muito justa. É de lamentar que o seu monumento ainda não esteja levantado, depois duma luta de três anos! Parece que à volta do monumento dos mortos da Grande Guerra se tem feito uma política de misérias e de invejas mal contidas; se assim não fosse, já há muito que o monumento estaria de pé! Ai tendes, diante dos vossos olhos, os nomes dos homens que vos cumpre homenagear; a que tendes obrigação moral de prestar respeitoso culto; que, se sois cidadãos conscientes, não podereis esquecer, como tendes feito há 17 anos.

Lisboa, 1 de Abril de 1935.

MANUEL DE GUIMARÃIS.

mando doído a quem vem falando na guerra — ele, que nem já possui as boas graças do seu figurino — Mussolini. Teremos ainda de ouvir o seu Cântico de Cisne?!

PAZ ARMADA

Agora, sim, que as coisas vão mexidinhas! Tira-te daí que eu lá me porei, são as tropas mobilizadas, canudos feitos canhões, barcos prontos a espalhar a morte, aviões ansiosos por lançar incêndio ao mundo — um regabofe que prova os belíssimos instintos de fera da besta humana — a mais vil que Deus colocou a superfície da terra e para quem o sangue é o néctar capitoso dos seus prazeres, posto à mesa das suas bacanais. Nada a transmuda. Vil e má; sanguinária e louca.

L. EFECÊ.

Escola Francisco dos Santos Guimarães

Foi em 6 de Abril do ano de 1931, que na freguesia de Urgezes, d'este concelho, se inaugurou solenemente a escola primária «Francisco dos Santos Guimarães», mandada construir pela Senhora D. Maria dos Santos Sanches, natural daquela freguesia. Esta Senhora quis, assim, prestar o devido culto à memória de seu salúoso irmão — o patrono da escola, e ao mesmo tempo, dotar com um benefício importante a sua freguesia, que, tendo uma população escolar muito elevada, apenas tinha uma única escola, que funcionava como mixta. Como edificio escolar, é um dos melhores do distrito, com dois amplos salões, gabinetes para professores, etc., e um espaço de recreio, uma parte do qual é coberto. A mesma Senhora, forneceu todo o material didáctico e mobiliário escolar e outras coisas, incluindo uma Baudeira Nacional. Hoje, porém, se não se encontra arrependida, encontra-se, pelo menos, muito desgostosa por motivo que me abstenho de mencionar, embora um dia se faça a história de tudo para que tó fa a gente saiba até onde pode chegar a ingratidão. Quanto a prestação dos serviços docentes, ali ministrados, apenas sei que pela doadora foram indicadas duas professoras consideradas competentes, cabendo à Inspeção Escolar do Distrito o direito de avaliar o rendimento do seu trabalho, todavia, é de lamentar que não se crie nas crianças da referida escola o amor pelas flores, visto que tem um pequeno jardim, completamente abandonado, quanto é cer o que as próprias crianças podiam cuidar dele, pois que não revertia em seu desprimor, mesmo que tivessem de ir buscar umas *cantarinhas* de água para

não deixar secar aquelas lindas florinhas, as companheiras mais inocentes das crianças dentro daquele recinto onde se levanta um belo templo de Instrução. Diz alguém — que não o devia dizer — que as crianças vão para ali para aprender e não para tratar de jardins, esquecendo se essa pessoa — que ensina a conservar os jardins — também é dar uma lição. Quanto a isto — ano, já o sr. vereador da Instrução providenciou, dando ordem ao Jardineiro Municipal para tratar do assunto, uma vez que mais ninguém quer saber de nada. Estas rápidas considerações têm um fundamento, que será mais esclarecido oportunamente.

Um amigo da Escola.

A Festa do Trabalho, em Guimarães, no 1.º de Maio

No Salão Nobre da Câmara reuniram-se na quarta feira, a convite da C. A. da Câmara várias entidades, para trocarem impressões sobre a Festa do Trabalho no Distrito de Braga que este ano se vai realizar em Guimarães, no dia 1.º de Maio.

O sr. Francisco de Assis Pereira Mendes usando da palavra fez várias considerações e apresentou o seguinte esboço para o programa da Festa:

Dia 30 de Abril: A tarde; cortejo de flores para a ornamentação das casas e edificios públicos;

Dia 1 de Maio: Alvorada por bandas de música, fogo etc.; às 10 horas: distribuição de prémios aos filhos dos operários, acto que se realizará nas fábricas; às 13 horas: concentração dos operários do concelho de Guimarães e dos outros do Distrito, no Largo da República do Brazil; às 14 horas: Desfile do Cortejo cívico em direcção ao Castelo de Guimarães, onde será proferida uma allocução; às 16 horas: Festival operário no Campo do Salvador; às 21 horas: Festival noturno na Praça de D. Afonso Henriques com illuminações, fogo e música.

Banquete oferecido aos srs. Ministros do Interior, Comércio, Agricultura e ao sub-secretário das corporações, e banquete de confraternização entre patrões e operários.

Falaram ainda os srs. A. L. de Carvalho que mostrou a conveniência da Junta Geral do Distrito colaborar na Festa do Trabalho e sugeriu a ideia de se inaugurar, por essa ocasião, o monumento ao Vimaranense Grava tor Molarrinho, e o sr. dr. Leopoldo Martins de Freitas que se referiu, igualmente, ao assunto da reedificação.

Por fim foram nomeadas algumas comissões, as quais vão iniciar, já os seus trabalhos.

LUZ PÚBLICA

Um lamentável mal-entendido impediu que desse seguimento no «Notícias de Guimarães» às considerações que, sobre o caso da iluminação pública desta cidade, comecei a publicar no seu número de 3 de Fevereiro. Depois disso, o diário lisboense «A Voz» inseriu, em 9 de Março, um artigo meu, em que procurei esclarecer a minha verdadeira posição neste assunto e expliquei porque, não tendo dúvidas sobre a legalidade e conveniência da prorrogação do contrato de concessão, deliberada em 1919, hoje, depois da anulação dessa prorrogação, eu entendo que o serviço de iluminação pública deve ser municipalizado.

Passou despercebido esse meu artigo em «A Voz» ao «Notícias de Guimarães», pois não o transcreveu nem nenhuma referência lhe fez, a-pesar-de se tratar de um assunto de tanta importância para a cidade como é este da luz. Mais uma razão para que eu tente de novo conseguir que nas suas colunas, únicas onde me encontro bem para tratar dos interesses da nossa terra, me seja dado acolhimento para continuar as minhas considerações. É provável que venha já demasiado tarde, mas circunstâncias várias, superiores à minha vontade, impediram-me de o fazer mais cedo.

Já mostrei qual é a minha opinião: entendo que a Câmara deve, sem a menor espécie de hesitação, aproveitar-se da liberdade em que se encontra, para tomar a seu cargo os serviços de iluminação pública e de fornecimento de corrente para usos domésticos, iluminação particular e pequenas indústrias.

Resta-me dizer porquê e como. A iluminação de uma cidade, para ser perfeita e poder constantemente adaptar-se às necessidades que se vão criando e modificações que a oportunidade aconselhar, aos desejos e gostos de munícipes e vereações que se sucedem, bem como para que possa aproveitar, de maneira simples e rápida, de todos os melhoramentos que vão surgindo e à medida que aparecem, não deve depender senão, e exclusivamente, da vontade livre da Câmara.

Se esta se encontra presa a qualquer contrato com um fornecedor ou concessionário, por maiores que tenham sido as cautelas tomadas na elaboração desse contrato, haverá sempre muitas circunstâncias de impossível previsão que deixam de ser atendidas, o que dificultará a realização dos desejos ou conveniências do município.

Para tudo quanto seja alterar, em pouco ou muito, as cláusulas, sempre rígidas, de um contrato, a Câmara terá que pedir ao fornecedor a sua anuência, que este lhe poderá negar, se assim o julgar melhor para os seus interesses ou até por simples capricho a que, possivelmente, a política não seja estranha; na melhor das hipóteses, a de o fornecedor se mostrar disposto a anuir aos desejos da Câmara, esta terá muitas vezes, sem dúvida, de se sujeitar às condições que, em troca, lhe sejam impostas pelo fornecedor que, naturalmente, não deixará de aproveitar a oportunidade para aumentar os seus lucros.

Pelo que diz respeito ao fornecimento de corrente aos particulares, para luz e outros usos, domésticos ou de pequena indústria, a conveniência da municipalização é também enorme e flagrante.

É evidente que a entidade a quem pertencer a rede de distribuição da luz pública é que está em melhores condições de atender às necessidades que os particulares tenham de corrente. Se essa rede pertence a uma empresa que não seja municipal, e ainda no caso, aliás improvável, de não dispor essa empresa, por contrato, da concessão do exclusivo, este pertencer-lhe-á de facto, porque não é fácil que qualquer outra a possa bater em melhores condições de preço.

Desta forma, o particular terá de se submeter a todas as arbitrariedades, caprichos, exigências e, sobretudo, deficiências, inevitáveis e vulgares sempre que os fornecedores não tenham a temer concorrentes.

Não só a Câmara estará na dependência de uma empresa particular; a idêntica e, porventura, mais vexante e prejudicial subordinação terão de se sujeitar todos aqueles que necessitem de luz ou de corrente para os seus usos domésticos.

Com a Municipalização todos estes inconvenientes desaparecem. A Câmara, na exploração de tal serviço, não pode ter outro fim que não seja o de bem servir os seus munícipes; lucros, não precisa de outros além do que para si constitui a satisfação do público que representa. Acresce que a forma como administra o serviço e todos os seus actos que com ele se relacionem são do livre exame de toda a gente, sujeitos a todas as críticas e correcções e à sanção da opinião pública, expressa pelo voto ou pela intervenção dos poderes tutelares.

Não desconheço o argumento de que a administração das empresas pelo Estado ou autarquias locais muitas vezes justifica acerbas críticas e dela resultam prejuízos que se não notam quando a administração é confiada a particulares. Esquecem, ou não querem ver, porém, aqueles que dele se servem, quantas vezes também as administrações particulares são ruinosas, improdutivas e prejudiciais, e como serviços há, confiados à administração das autarquias e até do Estado, verdadeiramente modelares.

No caso especial de que se trata da iluminação pública de Guimarães, tão simples, de tão fácil administração que, explorado esse serviço, há tantos anos, por uma empresa particular, esta até hoje nunca necessitou, sequer, de pôr à frente da sua direcção qualquer engenheiro ou técnico especializado, nenhuma dificuldade pode existir, nenhum receio há que ter, na sua municipalização.

Não me será difícil demonstrá-lo em subsequentes artigos.

IGNOTUS.

N. da R. Como não permutamos com o diário da capital «A Voz», jornal que lemos raríssimas vezes, passou-nos, de facto, despercebido o artigo do nosso ilustre colaborador, o que não representa menos consideração por uma pessoa cujas qualidades de talento e carácter muito apreciamos, nem menos interesse por um assunto que tem merecido já a nossa atenção, por ser um assunto da nossa Terra.

A Homenagem a Bráulio Caldas decorreu com muito brilho

Bráulio Caldas — o poeta que cantou Guimarães em versos sublimes — teve a sua consagração, no domingo último, na linda Estância da Penha.

Jerónimo Sampaio, o incansável organizador da homenagem pode estar satisfeito, pois ela correspondeu bem ao seu sentimento, àquele objectivo que o impulsionou.

Gente, muita gente, figuras de destaque nas letras, pessoas de todas as classes, foram associar-se ao acto, levar as suas palmas e as suas flores.

A cerimónia do descerramento da lápide assistiram as autoridades e muitas senhoras, poetas e escritores, académicos, alunos das escolas, Bombeiros Voluntários de Vizela e Guimarães, escuteiros, etc. etc., quatro bandas de música que executaram os hinos da cidade e de S. Nicolau, e uma multidão de pessoas.

Jerónimo Sampaio discursou, muito bem, com entusiasmo e comoção, os Poetas Alfredo Guimarães, Delfim de Guimarães e dr. João Neto, recitaram versos seus, lindos versos, de homenagem ao Poeta e a gentil sr.^a D. Lucília Guimarães recitou, também, uma encantadora produção de Delfim de Guimarães.

No momento em que a lápide é descerrada produz-se uma manifestação calorosa. Há acordes

musicais, fôgo e palmas. Lenços que se agitam e pombas — muitas pombas — voando em saudação.

De entre os penedos saíam flores — muitas flores — uma chuva de flores mimosas cobrindo a placa e os assistentes reteem-se presos àqueles versos que ali, junto à fonte do Poeta, perpetua-



O Poeta Delfim de Guimarães recitando os seus versos

ção, pelos anos fora, a memória do Autor das «Andorinhas Mansas».

O dr. Eduardo d'Almeida fala, depois. Discurso breve, palavras vibrantes de orador eloquente.

O presidente da Academia proferiu uma saudação e o dr. Arménio Caldas, sobrinho do homenageado, agradece em seu nome e no da família aquela homenagem tão imponente.

Fez-se silêncio. Um grupo de lindas raparigas canta, junto à fonte, trez quadras do Poeta e a festa — a encantadora festa — termina.

De manhã foi celebrada uma

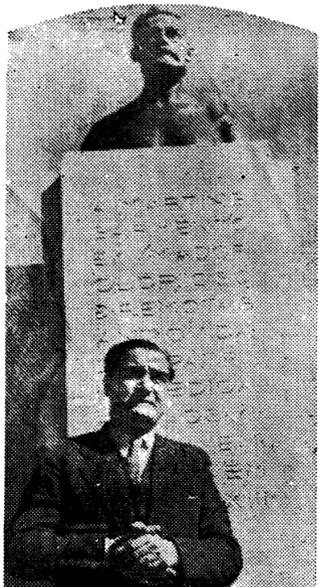
missa, no templo da Penha, por alma de Bráulio Caldas, tendo sido celebrante o rev. Cónego Vasconcelos.

Semana Cultural Galega O Dia de Guimarães

Guimarães, recebeu, com a hospitalidade de sempre, a embaixada dos intelectuais galegos que vieram à Cidade do Pôrto tomar parte na «Semana Cultural Galega» que ali se realizou com um brilhantismo invulgar.

O que foi o «Dia de Guimarães» disseram-no já os jornais diários em desenvolvidas reportagens.

Houve uma sessão de boas-vindas na Câmara Municipal e uma brilhante recepção na Sociedade Martins Sarmiento. Depo-



Junto do monumento de Martins Sarmiento, o excursionista D. Sebastião Gonzalez proferiu algumas palavras.

sição de flores, pelos excursionistas, no Monumento ao Sábio Martins Sarmiento, discursos eloquentemente patrióticos proferidos por verdadeiras mentalidades do país vizinho, palavras brilhantes de Saúdação dos representantes da nossa gloriosa Guimarães. Visitas aos monumentos desta nobre Cidade e um almôço que proporcionou a Portugueses e Galegos alguns momentos de alegre convívio e de verdadeiro prazer espiritual.

O «Dia de Guimarães» foi bem para os intelectuais um dia de surpresas admiráveis. Um deles — figura respeitável de investigador — dizia-nos, após a visita aos Museus da Sociedade Martins Sarmiento e Alberto Sampaio: — «Guimarães tem, para nós, coisas extraordinárias»; e outro — um Artista de valor do país vizinho — afirmava-nos, no alto da Penha:

— Isto é uma maravilha!

A Citânia de Briteiro foi, igualmente, motivo de admiração para todos.

O objectivo que se tinha em vista — diz-nos o nosso prezado colega «Jornal de Notícias» — de proporcionar aos intelectuais Galegos, um passeio que fôsse, simultaneamente de estudo e distração, atingiu-se plenamente.

9 DE ABRIL

A Sub-Agência da L. dos C. da G. Guerra comemora o aniversário da Batalha de La Lys, com o seguinte programa:

A's 10 horas da manhã, missa no templo da Colegiada, por alma dos Combatentes falecidos.

Romagem ao antigo Quartel do Regimento de Infantaria 20.

Nesta romagem tomam parte, a convite da C. A. da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, as colectividades vimaranenses com os seus estandartes, estabelecimentos de ensino, escoteiros.

A's 15 horas, junto à lápide comemorativa da Grande Guerra, serão guardados dois minutos de silêncio, que serão anunciados por moiteiros, e proferirá uma alocução alusiva ao acto, o sócio benemérito da Liga e distinto advogado, sr. dr. João Neto.

Nos dias 6, 7, 8 e 10, grupos de gentis alunos do Liceu de Martins Sarmiento e Escola Industrial e Comercial de «Francisco de Holanda» procederão à venda do *capacete-miniatura*, em Guimarães, Pevidém, Taipas, Fafe, etc.

CARTA DE LISBOA

A-pesar-de estarmos em plena Primavera — e poucas vezes, como agora, o tempo terá acompanhado tão vigorosamente a indicação do calendário — sua ex.^a a Gripe, dona de várias manhas que lhe permite apanhar em seus enredos quem contra ela julga estar mais prevenido, ainda não deixou de nos rondar a porta. Na sua desagradável companhia passei, no catre, oito dias cheios de aborrecimento e mal estar, de modo que, por isso, ao encetar esta crónica, não sei o que vai por esta terra de muitas e variadas gentes que valha relêvo e referência capazes de interessar o reduzido número dos meus leitores.

Aliás, Lisboa não dá grandes assuntos. Arrasta uma vida tranqüilamente burguesa, sem sobressaltos, plena de pacatez e de tédio. Notícia sensacional, houve uma, há dias, mas não passava de grandíssima pês, própria do «primeiro de Abril»: — nada menos do que a vinda até à Pátria de Ulysses, do sr. John Simon, ministro inglês dos estrangeiros, para descansar entre nós dos seus fatigantes e operosos trabalhos a favor da paz europeia.

A pês veio publicada no «Diário de Lisboa», acompanhada de fotografias que lhe deram um tal aspecto de veracidade que muitos ingénuos o acreditaram.

Nunca o mundo estará farto de tolos...

* * *

Passavam aos prupos. Nos olhos, não afeitos ao bulício cosmopolis, um ar de doce ingenuidade; sacolas ao ombro, vestimenta de ver a Deus; numa gruhlada de crianças a caminho de aula, quasi todos fortes e desempenados, acompanhados por pessoas de família, que lhes iam fazendo as últimas recomendações e dando os mais salutares conselhos: «Cautela com os da cidade. Vê que não te percas. Respeita sempre os superiores. Evita os castigos»... — Eram os novos recrutas.

Todos êles envergavam já as fardas. Nos quartéis, movimentados como em nenhuma outra época do ano, começaram a receber instrução militar. Dentro em pouco tempo serão amestrados no manejo das armas. Daqui a meses ficam aptos a cumprir o que solenemente juraram: velar pela manutenção da ordem, defender a integridade da Pátria.

Nesta conturbada e inquietante hora universal, em que paradoxalmente se admite que a mais segura garantia da paz é o mais forte apetrechamento bélico, ocorre perguntar: ¿que futuro estará reservado a este rapazes? ¿que futuro espera a todos nós?

Há vinte anos, a mais tremenda colisão, registada pela História, lançou muitas nações numa luta ferocíssima, cujas consequências, agora como nunca, vimos atrozmente sofrendo. Falou-se, então, em altos e comovidos gritos, na defesa da Liberdade, da Justiça e da Razão, ameaçados pelos teutões e seus pares.

Contudo, pelo que se deduz das mil e uma complicações surgidas depois do tratado da paz — que já foi, êle mesmo, uma tremendíssima complicação — e pelas significativas e crudelíssimas lições que a vida desde 1918 nos vem dando, os ingentes sacrificios realizados pouco mais resultaram do que estêreis. A recordação de tanto sangue derramado não transformou os homens, nem os povos, a não ser para pior. De modo que estamos quasi precisamente a viver os mesmos angustiados momentos e a sofrer os mesmos pesadelos do verão de 1914. Dizia, há pouco, certa personalidade portuguesa que exerce elevadas funções na Cidade-Luz: — em Paris vive-se num ambiente de Guerra. Curiosa circunstância, no movimentado panorama internacional, é a de U. R. S. S. estar sendo como que um árbitro dos interesses em jogo. Que mais nos faltará ver?

Pensando nestes transcendentais assuntos (até onde nos trouxeram os recrutas...), não podemos furtar-nos a fazer, aos nossos botões, esta reflexão de trazer por casa: — Todos os senhores que detêm nas mãos o governo dos povos, ao esgrimirem entre si no trágico jogo das diplomacias, terão a consciência das responsabilidades que assumem perante a Humanidade?

Ao compararmos a evidente pequenez dos homens de hoje com os gigantes problemas que têm a resolver, não se afasta de nós o pensamento das funestas consequências que podem advir da ineptidão de um homem de Estado.

* * *

As notícias repetidas dos jornais desta cidade referentes às próximas festas de Lisboa, que prometem, segundo corre, revestir-se de invulgar brilhantismo, fizeram lembrar-me de um assunto que a imprensa daí já tem ventilado, sem grandes resultados práticos até agora, ao que parece. Refiro-me, como se compreende, às Quiliterianas, às nossas Festas da Cidade.

Aos vimaranenses que vivem longe do *Oriental* e arredores, as coisas da Terra, mesmo as mais insignificantes, interessam sobremaneira, porque, nêles, com a distância se avigora o amor ao burgo natal.

A propósito, umas observações que nos parecem justas: — Os senhores têm um baírrismo muito singular. Nos exacerbados entusiasmos patrióticos cantam o hino com ternuras de exaltação, ou indignação, consoante os casos; protestam, quando isso é necessário para dar alto exemplo de isenção, que são capazes, para defenderem suas tradições, de se unirem, um por todos e todos por um, em prol do bem colectivo. Mas — este *mas*... — passados os entusiasmos, voltam à vida anterior, vida de apatia, vida de roneirice e, o que é pior, novamente cavam entre si profundos abismos que os separam como se fossem irredutíveis inimigos.

Pois Guimarães merece mais, — merece muito mais.

* * *

Foi ao declinar do dia. Gozava eu, em companhia de um amigo a quem andava ciceroneando neste labirinto de ruas, largos e avenidas, as delícias do edénico jardim da Estrela. Num recanto, onde cisnes mansamente deslisavam, dois namorados, em idílico extase, falavam, falavam muito — ¿de que haviam êles de falar?... — de Amor.

Veze sem conta lhes ouvimos a palavra — felicidade.

Não sei porquê, recordei-me daquela cena do «*Deus lhe Pague*» em que o mendigo filósofo, quando a mulher angustiosamente lhe perguntava se «a felicidade está lá fora» responde num cínico sorriso:

— «Está, e manda lembranças para você...»

* * *

As referências feitas aos lamentáveis incidentes ocorridos no Pôrto, quando da visita àquele cidade do Orfeon Académico de Colômbra, tiveram de me proporcionar o inefável prazer de apreciar a analfabética prosa de dois anónimos cavalheiros que me enviaram uma epístola reveladora de mastodontica estupidez, total ignorância e absoluta ausência de educação.

Desde menino e moço que tenho a maior compaixão por todos os irracionais a que a Providência, com uma liberalidade excessiva e afrontosa dos séres conscientes, concedeu magnanimamente a faculdade de, como êstes, andarem com as mãos no ar. Não vai, porém, essa minha compaixão até ao ponto de os tratar por maneira a êles ficarem convencidos de que os tenho na conta de gente.

Fica esta nota como aviso, feito de uma vez para sempre, às alinárias que com o seu zurrar julgam impedir o caminhar seguro e sereno de quem tem os ouvidos moucos para vozes que... não chegam ao Céu.

JOSÉ SAÛDADE.

Brevemente — O «Notícias de Guimarães» inserirá a publicação de um novo folhetim, intitulado — *O Apache*.



Na Citânia de Briteiro

Semana Cultural Galega



Um grupo de excursionistas

COISAS & LOISAS

RECURSOS MUNICIPAIS

Num dos últimos números do "Notícias", prometi referir-me ao assunto a que diz respeito a epígrafe acima. Embora não tenha colhido quaisquer elementos pelos quais possa conhecer o montante da receita do Município de Guimarães, julgo, no entanto, que é muito insuficiente para se poder fazer alguma coisa de útil dentro do concelho. De mais a mais, os srs. vereadores são os primeiros a dizer que não há dinheiro, motivo porque não há os melhoramentos necessários. Em face disto, nenhum elemento mais seguros para, de facto, se provar a falta de recursos do Município de Guimarães, circunstância que não pode deixar de influir na elaboração de um programa que satisfaça os desejos dos municípios, que pedem instrução, pedem luz, pedem água, pedem estradas, pedem caminhos, pedem higiene, pedem tudo, enfim, que possa contribuir para o progresso da sua terra. São pretensões próprias de quem não faz do seu bairrismo um farrapo, mas o que é certo é que para elas serem realizáveis, é preciso, em primeiro lugar, o factor dinheiro, sem o que tais aspirações não podem ser satisfeitas. Não há, pois, forma de harmonizar uma coisa com a outra, desde que continue a subsistir a dificuldade de equilibrar a receita do Município com a despesa que seria preciso fazer para Guimarães sair do marasmo em que vive. Sob este aspecto, o problema não é tão fácil como a muitos pode parecer, tanto mais que todos berrariam contra o aumento da receita por meio do agravamento dos impostos. Relativamente a este facto, alguns teriam razão, mas nem todos. Abstenho-me de fazer considerações sobre a forma de serem melhoradas as receitas do Município, porque já está suficientemente demonstrado que não se obriga a pagar mais quem mais deve pagar. Sirva de exemplo o que se passou quando se levou a efeito a ideia de angariar receita para as Festas da Cidade e para o monumento aos Mortos da Grande Guerra. Dentro do critério seguido, é completamente impossível criar novas receitas e, como consequência disto, completamente impossível é também ampliar a acção municipal, muito reduzida pelos motivos aqui apontados.

Posta de parte, portanto, a possibilidade, pelo menos por agora, de um aumento dos recursos municipais, entendo — sem pretender arvorar-me em mentor de ninguém — que há conveniência de pôr em prática a realização de um programa que resolva as principais necessidades do concelho, principiando-se pelas de maior urgência.

Tem-se verificado que nenhum resultado dá o processo seguido por algumas Câmaras, que apenas sentem a preocupação de principiar muitas obras ao mesmo tempo, quando tudo aconselha que somente se devem principiar umas quando terminadas outras, a não ser em casos excepcionais e quando as receitas camarárias dêem margem a poder fazer-se assim. Mas uma boa administração municipal não consiste, apenas, em saber distribuir os rendimentos do município. Pelo contrário, exige muito mais do que isso. É preciso — como já tive ocasião de dizer — saber trabalhar pela satisfação das reivindicações dos municípios, sobretudo quando essas reivindicações obedecem à consumação de um acto de justiça, que é, exactamente, o que acontece aos desejos dos vimearenses. Trabalhe-se neste sentido, com o auxílio e boa-vontade de todos, e a vida e o progresso de Guimarães terão, ainda, melhores dias.

COMISSÃO DE INICIATIVA E TURISMO DE S. TORCATO

Será verdade? Será falso? São duas interrogações a que não posso responder concretamente, visto que só costumo fazer afirmações concretas quando tenho os dados precisos para isso. Constatou-me que a Comissão de Iniciativa e Turismo de S. Torcato não funciona dentro da legalidade que a lei exige. A ser assim, é indispensável que quem de direito tome as devidas providências ou, então, teremos de concordar com a referida comissão não passa de uma história — a história do engana meninos e come-lhe o pão. Como S. Torcato é a terra da surpresa, não será de estranhar que apareça mais esta. Mas, porque o caso já é ventilado cá na cidade, seria bom que os interessados dessem uma satisfação ao público. Por mim, só estimo que se aclare o que se diz, embora nada me interessem os actos de certas pessoas.

RAPAZIADA ACADÉMICA

Os alunos do liceu "Martins Sarmiento", assim como os da Escola "Francisco de Holanda", andam a contos com a louável ideia de angariar receita para as Caixas Escolares dos citados estabelecimentos de ensino, procurando, deste modo, beneficiar os alunos pobres.

Segundo me consta, são dois espectáculos que brevemente teremos em Guimarães, terra onde, felizmente, se pode reali-

zar um espectáculo sem haver um teatro! Pelo menos, que a rapaziada académica nos proporcione umas horas bem passadas e, ao mesmo tempo, que seja ela a única esperança daqueles que ainda confiam no futuro de Guimarães.

As minhas felicitações aos simpáticos rapazes e os meus melhores desejos de que os seus esforços em prol da Caridade sejam coroados do melhor êxito.

UMA COISA PEDE A OUTRA

Agora que vai desaparecer da rua 31 de Janeiro o vergonhoso casebre das *escadas de pau*, contra o qual tanto se tem protestado desde há muito tempo, está naturalmente indicado que os passeios da mesma rua sejam convenientemente reparados, a não ser que todas aquelas *pocinhas* estejam aforadas à Sociedade P. dos Animais, a fim de as utilizar como bebedouros. E para que não se diga que eu não sei reconhecer o que se faz de útil e agradável, os meus parabéns a quem providenciou sobre o desaparecimento do casebre acima referido. Aqui, faz-se justiça a toda a gente e não há ódios ou más vontades contra ninguém. Se algumas vezes o bico da pena fere um pouco o papel, é porque há motivos para isso e porque assim exige o bom nome e o prestígio de Guimarães, pelos quais se poderia velar com maior interesse e com mais cuidado. De resto, eu sei que o temperamento de algumas pessoas não lhes permite fazer mais, ou porque estejam deslocadas ou porque tenham um limite muito reduzido para algumas qualidades que são indispensáveis a quem ocupa certos lugares, de entre os quais a actividade, a disponibilidade de tempo, a insistência e a persistência. Realmente, não pode haver tudo.

MALDITO SONO?

Há um mês que o professorado primário do concelho entregou na Câmara uma representação por meio da qual pedia a actualização do subsídio da renda de casa, que é, actualmente, *irrisório*. Não sei porque — dizia-me, há dias, um professor — "aquela representação do professorado primário adormeceu de tal maneira na pasta camarária, que não há meio de despertar". Tem razão o professor que assim falou, visto tratar-se de uma petição fundamentada dentro da maior justiça, mas ainda não é tarde para desanimar. Um sono bastante prolongado é, algumas vezes, uma grande esperança. Enquanto não passar a *sono eterno* é sinal de que o coração ainda palpita. É esta a minha opinião e a mesma deve ser a de todos os interessados, que devem saber esperar a hora da justiça. Chegará? Não chegará? Só depois se poderá comentar o assunto, conforme a decisão tomada. Paciência, e *alma até Almeida!*

UMA DESCOBERTA

Parece que foi descoberto, recentemente, o resultado de um problema que vinha dando que *matutar* a muita gente. Esse problema é o que diz respeito à carestia da vida, que, segundo a opinião de alguém, *não tem piorado e que é o preço dos géneros de primeira necessidade que se tem agravado de dia para dia*. Não recebo nada nem os autores dos próprios dicionários têm sido *conscienciosos* atribuído à palavra *carestia* o significado de *preço alto, qualidade do que é caro, etc.* Mas está certo, porque também ninguém supunha que Gil Robles, o mais intransigente defensor da doutrina da Igreja Católica Apostólica Romana, fosse o espírito mais sanguinário e mais deshumano de toda a Espanha, pedindo a execução de muitos patriotas seus, quando a mesma doutrina que ele defende diz: "matar, só Deus!". Desde que assim não acontece, tudo está certo, até mesmo o teorema de Pitágoras, quando resolvido contrariamente, ao que deve ser.

São prenúncios de um mundo novo!...

AGONIA PROLONGADA

A Associação Comercial e Industrial continua na *agonia*, aguardando-se, a todo o momento, o triste *desenlace*. Qualquer dia — já sem surpresa para ninguém — aparecem os convites para o funeral. É uma morte por falta de assistência e lamentavelmente provocada por quem tinha toda a obrigação de a evitar. É um dos casos em que se deve perguntar se em Guimarães não há gente nem bairrismo. Vamos, senhores, não deixem morrer a Associação C. e I., que é um factor da vida desta terra.

Pipi.

Uma resposta

Numa casa de beneficência desta cidade — casa que, como todas aquelas onde se pratica o bem da Humanidade, nos merece o maior respeito — alguém se permitiu fazer, há dias, uma apreciação mesquinha ao "Notícias de Guimarães", afirmando que este jornal é um *pastelão* que só serve para insultar toda a gente.

Não costumamos dar ouvidos a *desabafos* desta natureza; no entanto vamos res-

ponder a esse mal intencionado alguém, em duas linhas apenas.

Aqui dentro trabalha-se pela Terra. Criticam-se os homens e os seus actos mas sempre debaixo desta preocupação: justiça e honestidade.

Sabemos muito bem o que queremos e para onde vamos, como sabemos também — sabemos lo, infelizmente! — que se procura muitas vezes ferir a nossa dignidade a propósito de tudo e de todas as coisas.

Consola-nos saber que as pessoas inteligentes estão ao nosso lado e que os nossos colaboradores que constituem uma *élite* de intelectuais, estão perfeitamente de acordo com a acção dum jornal que não serve *grupelhos* nem serve para guindar imbecilidades a qualquer elevado grau da sociedade.

Atraíçamos a nossa consciência se dissessemos bem do que está mal, ou mal do que está bem, porque gostamos de ver as coisas no seu lugar.

De resto só temos a dizer isto: o que pensamos, escrevemo-lo e transmitimo-lo ao público todas as semanas. Pelos cafés ou pelas casas de reuniões não fazemos apreciações por acharmos miserável o ataque na sombra.

Aqueles que queiram dizer da sua justiça venham para cá, para estas colunas que estão às suas ordens, e depois conversaremos um pouco, serenamente como homens que têm uma dignidade que querem prezar.

..... E pode ser, até, que a sua proza *desempastele*...

A. D.

FATOS PRONTOS A VESTIR DESDE 180\$00 SÓ NA

ALFAIATARIA DE Jacinto José Ribeiro — (RIBEIRO, FILHO) —

Banco de Portugal

Dividendo

Encontra-se em pagamento, cativo dos impostos legais, o dividendo das acções deste Banco relativo ao 2.º semestre de 1934, na razão de 22550 por acção, pagando-se a quantia líquida de 19597 por cada acção nominativa e 18572 por cada acção averbada ao portador.

Guimarães, 1 de Abril de 1935.

Pela Agência do Banco de Portugal em Guimarães Os Agentes, Antão de Lencastre Heitor Campos.

Do Concelho

Ainda sobre a Estrada da Corredoura Prudência, sr. Leite.

Tinha jurado, a mim mesmo, não mais voltar a discutir a *paralítica* estrada da Corredoura. Não o posso fazer, porém, olhando à insolente censura exposta na carta que o sr. Manuel da Silva Leite dirigiu ao muito ilustre Director do "Notícias de Guimarães", carta que tão amavelmente me foi cedida, quando o procurei, para a ler e avaliar a razão do *suelto* do "Pipi", publicado no último número do seu bem visto, justiciero e regionalista jornal. Cita o meu nome. Pouco importa. Importa sim as banalidades e a nojenta presa que vomita a pena do sr. Manuel da Silva Leite, querendo com ela provar a sua inocência, quando é certo que foi ele, e só ele, o único e principal responsável de toda esta comédia, verdadeiro actor que já mais, em tempo algum, poderá eximir-se à tremenda responsabilidade que o intranquilliza e o vitima. O sr. Manuel da Silva Leite foi o culpado, o único culpado, de o sr. Claro ser contrariado em tudo quanto disse, colocando-o mal perante a sociedade e principalmente perante aqueles que de perto conhecem bem toda a incerteza que sempre andou à volta da construção da estrada. Há insultos, dizem eles. Onde partiram esses insultos, se insultos se podem chamar às verdades que temos dito? Não. Não temos insultado. Temos dito as verdades que podem magoar, mas que são sempre verdades e sempre usadas e defendidas pelo "Pipi".

Vejam, por isso, os mais culpados e os mais insultuosos.

Com que intenção foi o sr. Leite entrevistado o sr. Claro?

Quem é o mal intencionado que informa com menos verdade o "Pipi"?

Quem é o alguém que desvia a estrada do seu traçado primitivo para a levar à Igreja de Rendufe, só para beneficiar meia dúzia de pessoas?

Quem é esse mal intencionado e esse alguém?

A quem se refere quando disse — a

quem por lá passar — porque sendo a Quinta da Torre muito húmida não correrá o perigo, que ela ofereça, agora, de escorregar na lama?

Quem é? Quem é, sr. Leite? Não será também assinante e anunciante do "Notícias de Guimarães" esse mal intencionado e esse alguém?

Com que intenção escreveu para "O Primeiro de Janeiro", dizendo que a Junta da freguesia de Rendufe, com grande número de assinaturas, representou à Câmara pedindo o prosseguimento da estrada daquela freguesia (pelo traçado antigo) cujos trabalhos foram suspensos à cerca de três anos, depois de saber que ela enviou um officio assinado apenas pelo Presidente e um vogal?

Responda, sr. Leite? Isto de trocar verdades por insultos é pôr em vista o cúmulo da ignorância, e, quem sabe, se da maldade.

Diga-me, agora, sr. Leite: Quem foi que acompanhou todo o trabalho da construção da estrada, conversando sempre com o sr. Saraiva Brandão, dando conselhos e concordando com outros?

Quem foi que concordou sempre com o desvio já dado, nunca repontando e achando bem?

Quem foi o culpado da Câmara perder a comparticipação do Estado?

Quem foi que chamou ao lado o sr. Saraiva Brandão quando este ilustre Senhor dizia que ia mandar destruir o casebre do lugar de Alveite, dizendo que não consentia em tal enquanto lhe não fosse pago o referido casebre?

Quem foi que teve à sua guarda toda a ferramenta que se empregava na terraplanagem da estrada, durante um mês?

Quem foi ou quem é que pretende desviar a estrada do seu primitivo traçado, desde os Moinhos do Outeiro à Castanheira?

Quem é que dos 7.000 metros que tem o traçado apenas aproveita 500 metros, como da sua segunda entrevista se depreende e que tanto defende a sua intangibilidade?

Quem é e quem foi que fez questão no lugar de Alveite?

Quem foi que disse — "quem dá também tem direito a receber"?

Quem foi que disse — "façam a estrada por onde devem fazer e foi aprovada, que eu estou pronto a dar à Câmara o que sempre tenho dito. Do contrário não dou nada"?

Quem foi que recebeu e agora não quer dar?

Quem foi o culpado de a estrada estar parada há três anos?

Quem foi? Quem foi? Foi o sr. Claro. Só o sr. Claro apenas.

Dito isto, os assinantes e leitores do "Notícias de Guimarães" que julguem a inocência da *firma Claro & Leite*, tão inocentinha como as crianças que pedem chuchas às suas mães. A *inofensiva criança* Manuel da Silva Leite foi e é o único actor inicial de toda esta comédia, pois que se não fosse acordar quem dormia, não teríamos assunto e verdades para architectar a comédia em questão, que tanto o magoou, e eu na qual não seria também actor. Agora pergunte ao povo das freguesias de S. Torcato, Lobeira, Atães e Rendufe: Quem é mais defensor do progresso da nossa terra? O "Notícias de Guimarães" e o "Pipi" ou o sr. Leite? Quem é o mais insultuoso para o progresso da nossa terra? O "Pipi" ou o sr. Leite? Quem nos insulta e evita os nossos melhoramentos? Quem é, sr. Leite? Lembre-se, sr. Leite, que pertence à Comissão de Iniciativa e Melhoramentos de S. Torcato (sem aprovação superior e, portanto, ilegal) pelo que se torna feio e censurável este seu procedimento. Recomendando-lhe a leitura do eco do "Pipi" e aconselhando-o a não servir de porta-voz de ninguém para noticiar coisas injustas e menos verdadeiras. Senão, o desprêzo será a melhor resposta a dar.

Camo actor e para findar, eu recomendo ao "Pipi" para mandar incluir no fim do terceiro acto da tão engraçada comédia aquele côro do tango brasileiro que a Orquestra Lusitânia tocava e cantava no café Oriental, muito aplaudido pelos assistentes e para os espectadores cantarem, alegres e satisfeitos, à saída do Teatro, que é:

Chorai,
Chorai meu bem,
Chorai uma lágrima sentida;
Que o nosso amor já se acabou,
Deixou de existir para toda a vida.

Em vez de cantar — O nosso amor já se acabou — deve cantar-se — Que o facto questão já se acabou — e tudo está certo.

Termino pedindo ao sr. Director do "Notícias de Guimarães", que continue sempre a proceder como até aqui, com correcção e imparcialidade, a favor do progresso do concelho, e verá que a devo-

lução de uma ou duas assinaturas, será recompensada, como já foi, com seis assinaturas da freguesia de S. Torcato; deixe-se de ouvir banalidades saídas ao acaso da imaginação, e peço-lhe que publique a carta para honra de todos nós.

Guimarães, 25-3-1935.

J. G.

Tipo único de pão

Os industriais de padaria, desta cidade, enviaram a seguinte representação ao sr. Ministro da Agricultura:

Ao Excelentíssimo Senhor Ministro do Comércio, Indústria e Agricultura.

Pela digna autoridade Administrativa deste concelho foram, recentemente, mandados afixar editais, em que se levava ao conhecimento do público e dos interessados haver sido revogado o despacho Ministerial de 30 de Outubro de 1933, contendo a autorização provisória para nas padarias se continuar a fabricar e vender pão de milho, de centeio ou de mistura, pois assim entrava em vigor o disposto no art. 58 do Decreto-lei n.º 22872, e pouco depois efectivamente, por comunicação do Ex.º Governador Civil deste Distrito, conhecia-se o teor do dito despacho e a resolução tomada para entrar em vigor o mencionado art. 58 do Decreto 22872.

Por esse art. — as padarias que vendam pão de tipo único, não poderão ter a venda pão de qualquer outra qualidade.

Em face do que os industriais de padaria da cidade de Guimarães veem muito respeitosamente ponderar a V. Ex.ª a lesão profunda de interesses que semelhante disposição lhes traz e não só a eles como, e essencialmente, a todo o público, ou seja a todos os próprios consumidores desta cidade e concelho, como, e sem dúvida a todas as povoações desta Província do Minho.

Ao elevado critério de V. Ex.ª, nós submetemos sinteticamente, para cabal demonstração de que assim é, apenas uma consideração essencial — o pão de milho é a base da alimentação de toda a Província, o pão que vai a todas as mesas.

É consumido, mesmo dentro da cidade, por todas as classes.

O fabrico desse pão é perfeitamente doméstico — é a mulher que o amassa, é a mulher que o enforma e uma só mulher pode, diariamente, fabricar largas fornadas. Mas dentro da cidade, em poucas casas se fabrica o pão de borã: é por isso que tem tanto largo consumo, o principal consumo, e é por isso também que nós, no interesse público, o temos à venda sempre fresco e da melhor qualidade porque sempre procuramos escrupulizar em boas farinha e no asseio e limpeza de sua preparação.

O pão de milho, o pão de borã — como é aqui designado, é composto de duas farinha — a de milho, em maior quantidade, com uma certa percentagem de centeio. Juntamente com este, há um outro pão, que é muito apreciado pelo consumidor e que é a liga daquelas farinha com a de trigo, pão geralmente vendido em forma de pequenas borãs e perfeitamente inconfundível ao próprio olhar com o pão de milho ou com o pão de trigo, de sabor diferente e de preço médio entre um e outro, pão que fabricamos unicamente para servir o público e por procura e instância do público.

As nossas padarias estão assim organizadas e a nossa modesta indústria, já com elevados encargos, apenas pode viver e sustentar-se com dificuldade dentro da economia, em que está organizada, e continuamente a fornecer ao público precisa e unicamente aquilo que o público nos pede e deseja — algum trigo, algum pão de mistura e pão de milho, este como se disse, o de maior consumo.

É-nos absolutamente impossível viver com o fabrico de um único tipo de pão. Ou optáramos pelo pão de trigo e seria uma verdadeira calamidade pública — por isso que o pão de milho é o primeiro género de consumo — e, dentro de pouco, a nossa falência, ou optáramos pelo pão de milho e ficaria a cidade sem trigo. E não é só isso: é que também, imediatamente essas miasmas de todo o pessoal, porquanto o fabrico de pão de milho é caseiro e com o pessoal doméstico o poderíamos fornecer, lançando assim no desemprego mais uma centena de braços, mais uma porção de trabalhadores de repente privados do seu trabalho.

Não há exagério algum no que respeito-samente expomos a V. Ex.ª, em cujo alto critério confiamos se digne de averiguar da veracidade da exposição, sus-

Semana Cultural Galega



Os excursionistas percorrendo o Castelo de Guimarães

CASA DAS GRAVATAS

Apresenta

CAMISAS GRAVATAS POPELINES

1935

PADRÕES EXCLUSIVOS DA NOSSA CASA.

Uma opinião feliz!

Campionato das Rampas

A Rampa da Penha é lembrada para a classificação geral.

O Automóvel Club de Portugal vai realizar, este ano, o campeonato das Rampas, segundo a imprensa da especialidade.

A confirmar-se tal acontecimento automobilístico no nosso país, muito contribuirá ele para o seu desenvolvimento desportivo, e oxalá seja um facto o desejo em projecto do Automóvel Club de Portugal, «embora — di-lo o nosso prezado colega do Pôrto, «Jornal de Sports» —, não tenha correspondido aos seus intuitos, em relação ao automobilismo desportivo no meio português.»

A propósito, lembra aquêle nosso colega — e muito acertadamente — a nossa Rampa da Penha, insinuando no ânimo dirigente do A. C. de Portugal como sendo, a Rampa da Penha, a única entre tôlas para a classificação geral, e acrescenta, depois de umas breves opiniões sobre as várias rampas, o seguinte: «Neste caso, a Rampa da Penha — já clássica — poderá redobrar de importância, passando a ser oficializada, e a contar — assim — para a classificação geral, o que a beneficiará, principalmente na concorrência de automobilistas.»

Não deve, pois, o A. C. P., desprezar tão acertado como interessante adivite, porquanto a Rampa da Penha representa sobre tôdas as rampas de Portugal a mais importante prova automobilística, quer pela sua situação de terreno, quer pela sua larga extensão de 6.000 metros. Incluir, no Campeonato das Rampas, a Rampa da Penha, dando-a como a última prova de resistência para a classificação geral, é a melhor forma de procurar desenvolver o automobilismo desportivo entre nós. Que a Rampa da Penha é difícil, todos o sabem, e a confirmá-lo af estão todos os concorrentes que até ela veem todos os anos, correspondendo ao esforço e boa-vontade das comissões que a tem promovido.

O nosso jornal prestará todo o seu concurso a tão bela como importante iniciativa, cumprindo às entidades competentes prestar-lhes também o seu, muito principalmente a digna C. A. da Câmara Municipal e C. de Iniciação de Turismo da Penha, trabalhando e facilitando por que tão interessante acontecimento como é e deve ser o campeonato das rampas tenha a sua prova final na Rampa da Penha, isto é, para a sua classificação geral.

E' uma ideia a aplaudir e à qual, estamos certos, todos darão o seu entusiasmo e o melhor da sua vontade.

Assinalo NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

PENSÃO ESTORIL

R. FERNANDES TOMAZ N.º 756
(Próximo ao Bolhão)

PORTO

Situado na parte central da Cidade.
Aposentos confortáveis e modelares.
Diárias com quarto desde 15\$00.
Almoços avulso a 5\$00.

pendendo desde já a aplicação do art. 58 do Decreto 22872 até ulterior deliberação sobre tão melindroso assunto, o qual, aliás está indicado no art. 51 de mesmo Decreto.

Assim o rogamos a V. Ex.ª
A Bem da Nação.

Guimarães, 28 de Março de 1935.

Portugal-Espanha em Foot-Ball

Na casa Braga & Carvalho, desta cidade, acha-se aberta a inscrição para uma excursão a Lisboa no dia 4 de Maio com regresso no dia 6, a fim de que os desportistas Vimaraneses possam assistir ao grande encontro de foot-ball Portugal-Espanha. A viagem será feita numa das luxuosas camionetas de Pereira & Leite. Há já alguns lugares tomados.

PAGAMENTO A PRESTAÇÕES.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Com sua esposa e filhinhos, esteve entre nós o sr. dr. Alvaro de Magalhães, digno conservador na Póvoa de Lanhoso.

— Tem estado bastante enfermo o nosso bom amigo, sr. Jerónimo Félix.

— Também tem passado bastante incomodada a sr.ª D. Joana de Freitas Ribeiro.

Desejamos as melhoras dos enfermos.

Santa Casa da Misericórdia

A semana que ontem findou foi fértil em acontecimentos — a festa a Bráulio Caldas, a visita dos intelectuais galegos, etc. — o que originou que a falta de espaço se tornasse maior ainda do que nas semanas anteriores. Por tal motivo deixamos para o próximo número as nossas impressões sobre a acção beneficente da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães, impressões já compostas mas que, por serem bastante extensas, não cabem no espaço de que dispomos.

Pelo mesmo motivo fica-nos de fora o artigo original e, até, algumas das habituais secções.

Que isso nos seja desculpado, mais uma vez.

EDITAL

António José Pereira de Lima, Administrador do Concelho de Guimarães;

Faz público, para conhecimento dos interessados que da Administração Geral dos Serviços Hidráulicos e Eléctricos, baixaram os seguintes

EDITOS

Ministério das Obras Públicas e Comunicações

Administração Geral dos Serviços Hidráulicos e Eléctricos

Direcção dos Serviços Eléctricos

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do artigo 33.º do Regulamento para a concessão e estabelecimento das instalações eléctricas de interesse público, aprovado por decreto de 5 de Janeiro de 1928, estará patente na Direcção dos Serviços Eléctricos, da Administração Geral dos Serviços Hidráulicos e Eléctricos, sita na Rua de Santa Justa, 42-Lisboa e na Administração do Concelho de Guimarães em todos os dias úteis das onze às dezasseis horas, e pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela firma Bernardino Jordão, Filhos & C.ª, Ltd.ª para estabelecimento de uma linha aérea de 12.500 volts de Guimarães a Covas, um posto de transformação nesta localidade, um ramal aéreo de 12.500 volts de Caneiros a S. Torcato, e substituição da rede aérea de iluminação pública por outra subterrânea na Avenida Cândido Reis, Estrada de Fafe e Rua do Condestável Nun'Alvares, em Guimarães.

Tôdas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção, dentro do citado prazo.

Lisboa, 28 de Março de 1935.

O Engenheiro Director,

Ferreira Dias.

E' o quanto se contém nos referidos editos.

Guimarães, Secção Administrativa da Câmara, 1 de Abril de 1935.

E eu, José Fernandes Ribeiro Gomes, chefe da secção, o escrevi.

António José Pereira de Lima.

Da Cidade

Ceia à americana, em Fafe — No Salão de Festas do Teatro Cinema, de Fafe, realiza-se no próximo dia 20, sábado de Aléluia, uma elegante ceia à americana, que promete revestir muito brilhantismo.

A inscrição já se encontra aberta e será encerrada no dia 10.

Mgr. João António Ribeiro — Tem estado bastante doente o estimado sacerdote e digno Arcipreste deste concelho Mgr. João Ribeiro, a quem desejamos rápido restabelecimento.

Cemitério Municipal — Durante o mês de Março houve, no cemitério municipal de Guimarães, o seguinte movimento:

Adultos (sexo masculino), 3; idem (sexo feminino), 7.

Adolescentes (sexo masculino), 4; idem, (sexo feminino), 5.

O administrador do cemitério, sr. J. Rodrigues, comunica-nos que o horário, desde 1 de Abril, até 30 de Setembro, é o seguinte: Abre às 9 horas e fecha às 19 horas.

Direcção Geral de Estatística — Até ao dia 15 do corrente devem tôdas as sociedades, mesmo as irregulares constituídas, enviar à Direcção Geral de Estatística o respectivo verbete estatístico.

Registo Civil — O movimento desta repartição durante o mês de Março foi o seguinte: nascimentos, 246; casamentos, 16; óbitos, 80.

Festa das Dóres — Promete revestir grande importância a festividade das Dóres que no dia 12 do corrente se há-de realizar, na forma dos anos anteriores, no templo da V. O. T. de S. Francisco.

José Pereira Torres Carneiro — Trasladação do seu cadáver. Na quarta-feira foi trasladado da Igreja da Misericórdia da Póvoa de Varzim, para a pequena freguesia de Serzedelo, deste concelho — terra natal do grande benemérito — o corpo de José Pereira Torres Carneiro, verdadeiro pai dos pobres que, como noticiamos, faleceu há dias na Póvoa de Varzim, onde vivia há bastantes anos.

Aguardaram a chegada do cadáver, em Serzedelo, os representantes das instituições contempladas, B. V. de Guimarães, Junta da Freguesia, pessoas de representação naquela e noutras freguesias e uma multidão de pessoas que foram prestar a derradeira homenagem ao cidadão prestantíssimo cujo exemplo dado, em última vontade, demonstrou um carácter impoluto e um coração que soube compreender o significado da Caridade.

Durante a manhã daquele dia os sinos dos templos da Misericórdia e das Ordens Terceiras de S. Francisco e S. Domingos dobraram a finados.

Consórcio — Na capela de Nossa Senhora da Conceição realizou-se no domingo, o casamento do sr. Francisco Pereira da Costa, empregado comercial, com a sr.ª D. Joaquina de Freitas Silva, filha do sr. Manuel da Silva, industrial, e da sr.ª D. Ana Rosa de Freitas.

Testemunharam o acto o conceituado negociante da nossa praça, sr. Almirante Ferra e sua esposa, sr.ª D. Leocádia de Assunção Teixeira Lopes Martins.

Aos noivos, desejamos muitas felicidades.

Procição de Passos — Na forma dos anos anteriores e com grande imponentia realiza-se hoje a Procição de Passos — sem dúvida uma das mais importantes do País.

A mesa da Irmandade, da digna presidência do nosso bom amigo e respeitável vimaranense sr. José Pinheiro, não se tem poupado a esforços para que aquela Procição atinja o maior luzimento.

Ontem à noite esteve a Veneranda Imagem à veneração dos fiéis, tendo-se feito ouvir, no côro, uma excelente orquestra sob a hábil regência do nosso bom amigo sr. Joaquim Guise.

Gastão Mineiro, tenor de muito merecimento, cantou, magistralmente, algumas composições adequadas ao acto.

O templo ostentava uma rica ornamentação de veludos e damascos da Casa Passos, e via-se profusamente iluminado.

A concorrência de fiéis foi, como de costume, muito grande.

FALECIMENTOS

D. Josefa Carolina de Matos Chaves

Faleceu, na terça-feira, na sua residência à rua Egas Moniz, contando 87 anos de idade, a sr.ª D. Josefa Carolina de Matos Chaves, que era dotada dos mais nobres sentimentos e, por isso mesmo, muita estimada no nosso meio.

A extinta era irmã dos saudáveis vimaranenses srs. drs. Alfredo Augusto e Joaquim de Matos Chaves e do sr. António de Matos Chaves, e tia dos nossos bons amigos srs.: Drs. Fernando e Alfredo de Matos Chaves, José e Francisco de Matos Chaves e da esposa do sr. dr. Abel de Vasconcelos Gonçalves.

O seu funeral, que foi largamente concorrido, realizou-se na quinta-feira, no templo da V. O. T. de S. Francisco, tendo sido trasladado o cadáver, após os resposos fúnebres e com grande acompanhamento, para o cemitério d'Atougua, onde ficou encerrado em jazigo de família.

Aos sobrinhos da bondosa senhora e, bem assim, a toda a restante família enlutada, apresentamos condolências.

NOTÍCIAS RELIGIOSAS

Semana Santa — Devido à doença do Dig.º Arcipreste, Mons. João António Ribeiro, já se não efectuam, com a solenidade projectada, as solenidades da Semana Santa, na igreja da Colegiada, fazendo-se estas com maior simplicidade.

Conferência de S. Vicente de Paulo (Homens) — Esta instituição de caridade promoverá na próxima 6.ª feira, 5 do corrente, pelas 18 horas, na capela de S. Crispim desta cidade, uma palestra para os seus pobres socorridos sobre o preceito Pascal. No domingo 7, pelas 9 horas, haverá Missa, Comunhão, Bênção do S. Sacramento e, a seguir distribuição extraordinária de uma borra de pão a cada um dos pobres por esta instituição.

Convocação

A fim de dar cumprimento ao disposto nos respectivos Estatutos, convidam-se os sócios da Sociedade Protectora dos Animais para uma reunião da Assembleia Geral, a realizar no dia 14 do corrente mês, pelas 10 horas, na sede desta colectividade — rua da República, n.º 22. Os assuntos a tratar são: Aprovação das contas e relação dos novos corpos gerentes.

Não comparecendo o número de sócios a que se referem os citados Estatutos, a Assembleia realizar-se-á com qualquer número dos mesmos, no dia 22 do referido mês, à mesma hora e no mesmo local.

Guimarães, 5 de Abril de 1935.

O Presidente da Assembleia Geral,

Mário de Sousa Menezes.

CÃO COELHOIRO

Perdeu-se, há semanas, um preto e branco, que dá pelo nome de Leão.

Procede-se, a todo o tempo, contra quem o retiver.

Nesta Redacção se informa.

No próprio interesse de V. Ex.ª

não hesite em ir vêr a exposição

de fazendas na alfaiataria de

Jacinto José Ribeiro

(Ribeiro, Filho)

Excursão a Fátima

Na casa Braga & Carvalho, acha-se aberta a inscrição até 27 lugares, para uma viagem a Fátima, no dia 12 de Maio com regresso em 14.

Preço e condições: aquela casa informa.

Em Benhevai

Vitória do melhor "team,"

Leça, 1 — Vitória, 3

Vitória nitida e clara dos vimaranenses. Tiveram uma primeira metade bastante fraquinha, mas subiram muito na segunda. Durante quasi toda a primeira parte os rapazes do Vitória não quiseram acelerar a marcha do resultado, e teimaram em redobrar os passes entre os homens do trio central, sobretudo na grande área, driblando e prendendo a bola sem a entregarem aos companheiros. Devem ter em conta que são pormenores que prejudicam grandemente a marcha do jogo.

No segundo período, então, enveredaram pelo verdadeiro caminho e, quando se decidiram a abrir bem o jogo, marcaram nada menos de 3 goals e diga-se de verdade: tiveram enjoo para fazer outros tantos.

Individualmente, J. Jesus, Laureta e Bravinho merecem evidência.

Este último, é um jogador que nunca se alheia da luta, que busca a bola com vontade e entusiasmo, e que combate até ao fim. Os outros dois não tiveram desatenções e puseram em prática o bom sentido do futebol.

Os «leccenes» jogaram menos mal na primeira metade e caíram a olhos vistos na segunda. O pouco contacto com bons grupos deve-lhes ter causado bastante diferença.

Merecem referência o seu guarda-redes, centro avançado e os médios.

Assistência regular e animosa.

A. NEVES.

AGRADECIMENTO

Alberto Augusto, treinador do «Vitória Sport Club», vem publicamente testemunhar o seu profundo reconhecimento aos jogadores do «Vitória» e «Leça», Comissão Administrativa do 1.º Club Vimaranesense e assistentes ao último desajo, pela maneira verdadeiramente sentida como prestaram homenagem ao seu saudoso irmão, Artur Augusto, falecido em Lisboa há duas semanas.

a) Alberto Augusto.

Sapataria Lusos
GUIMARÃIS

Verão de 1935

HOJE, EXPOSIÇÃO DE MODELOS.

Mercearia da Porta da Vila

DE

Miguel Teixeira

Participa aos seus estimados clientes e amigos que acaba de receber um bom sortido de Brindes para a Páscoa, assim como um bom sortido de Amêndoas das melhores qualidades. Também tem à venda o afamado Pão de Ló de Leonor Rosa da Silva, Sucrs., em preço corrente.

Agradece uma visita ao seu estabelecimento.

Camisaria Martins --- Casa das Meias

POPELINES para camisas Coleção 1935

Consulte os NOSSOS PREÇOS. E sepá NOSSO CLIENTE

Casa PIMENTA

RUA 31 DE JANEIRO

Telefone 180

Participa aos seus fregueses que tem um grande sortido em casimiras, artigo fino e novidades, sendo um assombro a colecção de "COÍMBRA,,. Além dos artigos de novidade tem lotes de casimira que vende com grandes descontos, podendo garantir que ninguém pode oferecer as vantagens que esta casa oferece.

Para 20, 25, 30, 35, 40, 45 e 50 Escudos, cada metro, tem dezenas de padrões, os quais sofreram uma desvalorização de 25 por cento, em virtude das boas compras que fez.

Convida todos os felizes que fizeram as suas compras ao «PECHINCHEIRO» que por aí anda, a fazerem uma visita a este estabelecimento para se convencerem de que há em Guimarães uma casa que lhes vende melhores artigos em mais vantajosas condições, podendo também oferecer a cada cliente um fato desde que lhe venda por mais do dobro do seu valor, que é precisamente o que «ELE» faz.

Artigos que sofreram consideráveis baixas de preços :

Um lote de fatos Sporteços que se vendiam a 28\$00, passaram para 15\$00. Um lote de fatos novidade que se vendiam por 70\$00, vendem-se agora por 40\$00 e 45\$00. Um lote de fatos que eram de 25\$00, vendem-se agora por 15\$00.

75 peças de fantasia de lã para vestidos de senhora desde 7\$00 a 17\$00, em grandes novidades.

MIL E OITOCENTOS METROS de popelines para camisas que vendia a 9\$00, vende, presentemente, a 5\$50 a 6\$00.

Além destes artigos tem muita variedade em artigos finos, tecidos, crepes, sedas de tôdas as qualidades, moils de lã e algodão, lainetes, chitas, percais, popelines, riscados, cotins e tôda a série de miudezas.

Grande variedade em chales de peluche, lã dos Pirineus, argola, merino, seda, aos melhores preços.

Grande quantidade de lenços de seda tapete, a 15, 20, 25 e 30 Escudos, cada.

Formidável colecção de peluches e panos para casacos de Senhora.

E' incontestavelmente esta casa a única que marca pelos seus preços e pelo seu sortido.

ANTES DE FAZEREM AS SUAS COMPRAS

VISITEM A GRANDE EXPOSIÇÃO DE HOJE

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27163

Paulino de Magalhães GUIMARÃIS

Participa aos seus Ex.^{mos} fregueses e amigos que abriu o seu novo estabelecimento, denominado **CASA CONFIANÇA**, junto à igreja de S. Pedro, aonde, por preços muito limitados, encontrarão um grande e variado sortido de fazendas de lã, seda e algodão, malhas e miudezas, etc., etc. Desde já agradece, muito reconhecido, uma visita à sua nova casa, pois os seus preços são honestos e dentro dessa honestidade acompanhará os preços da concorrência leal.

ALFAIATARIA

D E.

Jacinto José Ribeiro

(Ribeiro, Filho)

Participa aos Ex.^{mos} fregueses e amigos que já recebeu grande sortido de fazendas para a estação de Verão, em padrões de alta novidade, as quais tem a preços excepcionais expostas na sua vitrine, no Largo Conselheiro João Franco.

Telefone, 177

GUIMARÃIS

ADUBOS QUÍMICOS, SULFATO DE COBRE E FERRO,
ÓLEO DE MENDABI E ENXOFRES;
ÁCIDO SULFÚRICO, CLORETOS LINHAGENS PARA SACOS
E FARDOS, E OUTROS PRODUTOS da

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

da qual são revendedores autorizados

ANTÓNIO DE ARAÚJO SALGADO & C.^A

Rua 31 de Janeiro

que acaba de montar no seu estabelecimento uma secção destes artigos e de outros das melhores procedências, tais como

BATATA DE SEMENTE — Up-to-date — Irlandesa — em depósito
— Magestic — Idem »
— Bintje — Holandesa »
King Edward, Great-Scot, Ken's Pink — Irlandesas »
Eigenheimer — Holandesa »

Prestam-se quaisquer esclarecimentos e garante-se que os preços estão em concorrência com o mercado local.

BENJAMIM DE MATOS & C.^A, L.^{DA}

Toural, 105. Telefone 64



LOJA DO LEQUE

BENJAMIM DE MATOS, participa que retomou a Gerência do seu antigo estabelecimento, «LOJA DO BENJAMIM», a casa que mais barato vende e que maior sortido tem.

Mais participa que já recebeu um completo sortido de verão, artigos de Grande Novidade em fazendas de lã, modas, sedas, fantasias, popelines, opalines, malhas, chales e lenços de lã e de seda, echarpes e véus de seda, sombrinhas, fazendas brancas, botões de fantasia e miudezas. Papéis pintados para forrar casas, lambris, vitragens e oleados das principais fábricas nacionais e estrangeiras. Aconselhamos, no próprio interesse dos nossos Ex.^{mos} Clientes e do público em geral, a dar-nos a preferência nas suas compras, pois os 30 anos de existência da nossa casa, trilhando sempre o bom caminho, são a melhor garantia dos seus bons preços e da lealdade das suas transacções.

Visitem sempre esta casa e quando o não possam ou não queiram fazer, requisitem as suas colecções que se enviarão a toda a parte. E' só pedirem ao **Telefone 64** — Guimarães.

HOJE, Domingo, 7 de Abril: EXPOSIÇÃO DE NOVIDADES.

AVISO — Esta casa tem atelier aonde a execução é perfeita e confeccionada pelos últimos modelos, dirigido pela sua proprietária, Esménia Augusta de Matos — Rua de Gil Vicente, 17.

Possuímos, também, mostruário de sedas e fazendas de lã, última moda, que vendemos pelos preços das principais casas do Pôrto e Lisboa.